

Literatura de resistência e grupos subalternos na obra de Ghassan Kanafani (1936-1972)

Resistance literature and subaltern groups in the work of Ghassan Kanafani (1936-1972)

marcela semeghini*

leandro galastri**

► DOI: <https://doi.org/10.14295/principios.2675-6609.2026.175.013>

Ali Jadallah – Anadolu Agency



Uma mãe palestina, Al Rus, chora por sua filha, morta após o ataque israelense que atingiu a casa pertencente à família Abu Al-Rus em Deir Al Balah, Gaza, em 2 de janeiro de 2024

RESUMO

Este texto objetiva fazer uma breve análise de cinco novelas do escritor palestino Ghassan Kanafani, que serão lidas com a lente metodológica do conceito de *grupos subalternos* de Antonio Gramsci e sua noção de *historiografia integral*. Por meio das novelas traduzidas para o português *Homens ao sol*, *Umm Saad*, *Retorno a Haifa*, *O que lhes restou* e *Filhos da Palestina*, pretendemos identificar e mapear as formas em que Kanafani atua como “historiador integral” da causa emancipatória palestina após o estabelecimento do Estado de Israel na região, bem como as maneiras pelas quais sua literatura e historiografia servem como voz política da história dos grupos subalternos palestinos perante a ocupação israelense, segundo nossa hipótese. Apresentaremos também nossa hipótese secundária, segundo a qual Kanafani, por meio de seus escritos, demonstra o surgimento, nos grupos familiares palestinos, de uma subjetividade específica vinculada ao necessário sacrifício de guerra dos entes familiares. Ao final, concluímos que Ghassan Kanafani atuou política e intelectualmente como historiador integral da causa palestina e de seus grupos subalternos, bem como, por meio de seu conceito de *literatura de resistência*, desenvolveu a ideia de uma subjetividade coletiva de resistência à ocupação sionista que identificamos neste trabalho com a noção de *mãe palestina*.

Palavras-chave: Ghassan Kanafani. Palestina. Grupos subalternos. História integral. Antonio Gramsci.

ABSTRACT

This article offers a brief analysis of five novels by Palestinian writer Ghassan Kanafani, which will be read through the methodological lens of Antonio Gramsci's concept of *subaltern groups* and his notion of *integral historiography*. Through the Palestinian author's novels *Men in the sun*, *Umm Saad*, *Return to Haifa*, *What remained them*, and *Children of Palestine*, we seek to identify and map the ways in which Kanafani acts as an “integral historian” of the Palestinian emancipatory cause after the establishment of the State of Israel in the region, as well as the ways in which, according to our hypothesis, his literature and historiography serve as a political voice for the history of Palestinian subaltern groups in the face of the Israeli occupation. We also present our secondary hypothesis, according to which Kanafani's writings reveal the emergence, within Palestinian family groups, of a specific subjectivity linked to the necessary wartime sacrifice of family members. In conclusion, we found that Ghassan Kanafani acted both politically and intellectually as an integral historian of the Palestinian cause and its subaltern groups. Moreover, through his concept of *resistance literature*, he developed the idea of a collective subjectivity of resistance to the Zionist occupation, which we identify in this work with the notion of *Palestinian mother*.

Keywords: Ghassan Kanafani. Palestine. Subaltern groups. Integral history. Antonio Gramsci.

1. A IMPORTÂNCIA DO HISTORIADOR INTEGRAL PARA OS GRUPOS SOCIAIS SUBALTERNOS

Quando Antonio Gramsci estabeleceu a função do *historiador integral* em seu texto “Às margens da história (História dos grupos sociais subalternos)” (Gramsci, 2001), enfatizou que cada traço de iniciativa autônoma e auto-organização daqueles grupos era digno de registro e estudo, pois teria enorme valor na tentativa de se elaborar uma historiografia dos subalternos que, por sua vez, pudesse informar politicamente tentativas futuras de auto-organização das classes trabalhadoras. O conceito de *historiador integral* remete à ideia de que o historiador evite a história fetichista, ou seja, a história contada pelos vencedores. O problema da unidade dos grupos subalternos, do Estado e da necessidade histórica (quando as lutas dos grupos subalternos expressam ou impulsionam novas necessidades históricas) é historiográfico e, mais ainda, uma questão política sempre contemporânea.

Em Gramsci, a ação dos intelectuais orgânicos dos grupos subalternos é condição para a organização destes, para a formação de novos intelectuais orgânicos, para o cultivo de um sentimento de autonomia e marcha para a formação de consciência de classe. Os subalternos, em princípio, não saem por conta própria de sua condição, permanecendo no nível da espontaneidade de sua resistência e revolta contra os grupos política e economicamente dominantes. A alternativa de auto-organizar-se permanece, no entanto, no interior do grupo, de onde a importância de se fazer a *história integral*, com o objetivo de conhecer a heterogeneidade temporal e espacial das massas, das quais, se espera, possam emergir movimentos politicamente organizados na disputa pela hegemonia (Galastrri, 2014, p. 46).

No caso da Palestina, objeto indireto deste estudo, os intelectuais palestinos, seus cidadãos e outros sujeitos árabes carregam uma grande responsabilidade: divulgar ao mundo sua cultura¹ e memória e, ao mesmo tempo, resistir à ocupação israelense e combatê-la. Foi nessa perspectiva que o escritor palestino Ghassan Kanafani distinguiu sua própria importância como intelectual e agente da guarda de memória do seu povo. Com a pena em punho, fez uso da literatura de resistência, recorrendo à escrita de novelas, artigos de revistas, peças de teatro e ensaios políticos. Tornou-se um dos escritores mais importantes e representativos da literatura palestina e ajudou a elevar a causa nacional de seu povo, alcançando expressão mundial.

Mesmo com sua densidade e amplitude de abordagens, observamos que os estudos sobre sua obra no Brasil² se limitam a temáticas das áreas de literatura, não sendo objeto de pesquisa de outras áreas, como história, ciência política e sociologia. Consideramos, para além da importância da divulgação de suas obras, também seu valor e alcance para as lutas de unificação ideológica da causa palestina, para os combates de hegemonia no plano narrativo, para a resistência política prática e, em especial, para a formação de uma subjetividade única, característica peculiar alcançada pelo seu povo, resultado das condições de sua resistente existência e de sua história.

¹ De acordo com o intelectual e exilado palestino Edward Said, cultura são todas as práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Inclui tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária. A cultura também é um conceito que inclui um elemento de elevação e refinamento, o reservatório do melhor de cada sociedade, podendo ser um campo de batalha quando a ela se pertença de maneira leal, embora haja o risco sempre presente da distorção e do acriticismo (Said, 2011, p. 10-12).

² A obras literárias de Ghassan Kanafani foram traduzidas recentemente para o português pela editora Tabla, a maioria entre 2021 e 2024, facilitando o acesso a elas e o seu estudo no Brasil.

Os intelectuais palestinos, seus cidadãos e outros sujeitos árabes carregam uma grande responsabilidade: divulgar ao mundo sua cultura e memória e, ao mesmo tempo, resistir à ocupação israelense e combatê-la. Foi nessa perspectiva que o escritor palestino Ghassan Kanafani distinguiu sua própria importância como intelectual e agente da guarda de memória do seu povo

Existe na Palestina um conjunto de aspectos culturais que fazem parte da consolidação da identidade popular pela via da resistência. Isso está presente no cinema, no teatro, na poesia e literatura em geral. Trata-se da mobilização de uma identidade nacional-popular ameaçada, cuja cultura torna-se forma de luta contra a extinção e a obliteração, uma forma de memória contra a aniquilação, que exerce papel estratégico na sobrevivência de um povo ameaçado. Mas há outra dimensão do discurso cultural — o poder de analisar e ultrapassar clichês e mentiras injustificadas dos opressores, seu questionamento, a busca de alternativas. Tudo isso também faz parte do arsenal de resistência cultural (Said, 2006, p. 157).

Kanafani exerceu o papel de *historiador integral* — empregando aqui a terminologia gramsciana — ao registrar com realismo, embora por meio da ficção, o cotidiano palestino sob décadas de opressão permanente do Estado sionista de Israel, e, ao fazer isso, deu expressão a uma subjetividade coletiva — ou nacional-popular — palestina cujo valor prioritário é a libertação nacional. Essa subjetividade coletiva ganhou expressão em sua obra no caso concreto das personagens femininas com o perfil que chamaremos aqui de *mãe palestina*, ou seja, a mulher que gera filhos para a luta nacional de resistência e adquire a consciência desse fato quando percebe o sentimento ambíguo de desejar o filho perto de si, longe da guerra, e ao mesmo tempo saber desde sempre que sua dignidade pessoal, familiar e nacional está no fato de que o filho resiste militarmente junto dos seus. Ghassan Kanafani inicialmente escreveu sobre a Palestina como uma causa em si mesma. Depois, viu a Palestina como uma representante da humanidade, dos subalternos do mundo. Quando descreve a miséria palestina, apresenta seu povo como um símbolo da miséria em todo o mundo (Kanafani, 2022b).

2. QUEM DÁ A VOZ AOS SUBALTERNOS? A PERSPECTIVA GRAMSCIANA COMO MÉTODO

Consideramos que o conceito de grupos subalternos concebido por Antonio Gramsci é adequado como lente metodológica para o presente estudo. Gramsci entendia a concepção de mundo fragmentada das classes subalternas como uma característica da pró-

www.palquest.org



Kanafani foi assassinado por agentes israelenses em 8 de julho de 1972, em Beirute. Estima-se que 40 mil pessoas compareceram ao seu funeral

pria situação social em que se encontram esses agrupamentos, submetidos à exploração de classe e à opressão política. No entanto, essa condição poderia ser superada historicamente, pois, à medida que essas classes deixassem de ser subalternas e passassem a disputar a hegemonia, ganhariam organicidade e aumentaria a perspectiva de sua unificação política (Del Roio, 2007, p. 73). Para deixar a subalternidade, o subalterno necessita conquistar sua emancipação, que deve ser não apenas econômica e política, mas cultural, validando-se aqui a relevância do combate através da arte, da literatura de resistência, que registra a história e consolida valores e memórias dos subalternos.

Gramsci ressalta a importância do historiador integral, que deve observar e elaborar historiograficamente a linha do desenvolvimento político dos grupos subalternos, desde as fases mais incipientes de suas tentativas de organização e unificação até o momento da autonomia integral, e deve observar também cada manifestação do soreliano *espírito de cisão*³ (Gramsci, 2002a, p. 140). Cumprindo o papel de historiador integral, Kanafani descreve o desenvolvimento das forças inovadoras de grupos subalternos que tentam se constituir em grupos dirigentes da resistência palestina diante da invasão de suas terras. Exemplo disso é o seu trabalho historiográfico *A revolta de 1936-1939 na Palestina*, em que descreve o levante que se iniciou em 1936. Formaram-se comitês nacionais palestinos em todas as vilas

3 O conceito de *espírito de cisão*, elaboração do filósofo francês Georges Sorel, está manifestado na aqui usada expressão *mãe palestina*, ou seja, o espírito de resistência, o valor, a cultura, memória, subjetividade, a dignidade que o povo palestino assimilou e desenvolveu ao longo da história de luta e resistência; existe a formação de uma subjetividade própria na família palestina que enxerga sua dignidade e sua razão de vida no envio dos próprios filhos para a resistência contra o sionismo.

e cidades, e os cinco partidos locais compuseram o Alto Comissariado Árabe, liderado por Haj Amin al-Husseini, o Mufti de Jerusalém, que convocou uma conferência naquela cidade chamando uma greve geral e a recusa do pagamento de impostos. Diante da repressão britânica, os palestinos passaram às ações armadas, levando a efeito o “espírito de cisão” aludido acima (Kanafani, 2022a).

Nesse texto, Kanafani descreve os eventos — formação de comitês populares, greve geral, guerra de guerrilhas com apoio de massas — apontando para mais do que uma revolta armada ou uma grande rebelião, isto é, para o que considera ter sido uma revolução anticolonial e anti-imperialista, na qual as classes subalternas palestinas, em particular os camponeses pobres, tomaram em suas mãos, ainda que provisoriamente, o futuro do país. Embora elas tenham sido derrotadas pelas poderosas forças conservadoras internas e externas, que se preparavam para promover a *Nakba*⁴ — Kanafani escreve a história dos vencidos⁵ —, o levante colocava em pauta a necessidade da construção de uma alternativa revolucionária coerente, sendo esta a função do historiador integral, que ao mesmo tempo é um intelectual orgânico⁶: elaborar a historiografia dos subalternos para criar recursos teórico-práticos de arte e ciência política e promover a unificação desse grupo, organizando-o na luta por um Estado palestino laico, onde todos os credos possam conviver democraticamente.

3. GHASSAN KANAFANI E A LITERATURA DE RESISTÊNCIA

A literatura de resistência desenvolvida por Kanafani aborda o cotidiano⁷ palestino. Segundo Lukács (1966), esse é o nível no qual surgem todas as objetivações superiores da humanidade e para onde elas retornam, enriquecendo-se e à própria humanidade. A arte é uma atividade que parte da vida cotidiana, retornando a ela e produzindo nesse movimento reiterativo uma elevação na consciência sensível dos homens, se dando de forma objetivada no seu dia a dia. A manifestação estética mais veemente gerada no além do cotidiano é a literatura, que alcança uma visão depurada da realidade. Seu processo de nascimento, elevação e assentamento sobre a vida cotidiana registra a autoconsciência da humanidade, se apresentando além do senso comum. A arte, manifestada em forma de literatura de resistência, vai além do cotidiano, mas não é possível sem ele.

Resistência é não ceder, é a ação ou efeito de resistir, ou o ato de se contrapor a um

4 *Nakba* (que em árabe significa “catástrofe” ou “desastre”) se refere ao êxodo palestino durante e após a Guerra Árabe-Israelense de 1948. Aproximadamente 700 mil pessoas foram forçadas a deixar suas casas no que hoje é Israel e nos territórios palestinos. Muitos refugiados palestinos no exterior permanecem apátridas até hoje. Tanto a memória coletiva da *Nakba* quanto a experiência pessoal do exílio foram utilizadas por Kanafani em suas obras, com referência especial a *Homens ao sol*, primeira obra de destaque do escritor.

5 Conferir a reflexão de Michel Löwy sobre o pensamento de Walter Benjamin em Löwy (2005).

6 Gramsci se refere aos intelectuais orgânicos como aqueles que organizam a concepção de mundo de determinada classe social hegemônica ou em luta pela hegemonia, informando que todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não só no aspecto econômico, mas também no social e político (Gramsci, 2002a, p. 15-16).

7 Para Lukács (1966), a estética em sua apresentação literária é uma forma de enraizamento da vida cotidiana. O dia a dia do homem é o começo e o fim de toda ação humana, e “dele se depreendem, em formas superiores de recepção e reprodução da realidade, a ciência e a arte; [elas] diferenciam-se, constituem-se de acordo com suas finalidades específicas, alcançam sua forma pura nessa especificidade — que nasce das necessidades da vida social — para logo, em consequência de seus efeitos, de sua influência na vida dos homens, desembocar de novo na corrente da vida cotidiana” (1966, p. 11-12, tradução nossa).



Liderada por palestinos que se opunham à crescente imigração judaica, a Revolta Árabe, ou Grande Revolta Palestina (1936-1939), foi um levante nacionalista da população árabe contra o poder colonial britânico e o aumento expressivo da imigração judaica na região

agente externo, a imposição do ato de querer do indivíduo em si. Segundo Bosi (2002), a resistência se encontra totalmente ligada à ética, e não à estética. Com componentes da arte, da ética e da política, a partir de tal ligação o ato de resistir passou a fazer parte das expressões artísticas, o que levou ao surgimento da narrativa e da poesia de resistência. O termo *literatura de resistência*, com o qual pretendemos distinguir a obra de Kanafani, caracteriza de forma abrangente literaturas como as dos movimentos de libertação contemporâneos de países colonizados, lutas que são amplamente constituídas por grupos subalternos de suas respectivas sociedades.

A literatura de resistência não é apenas aquela mais diretamente militante, deliberadamente a respeito dos que estão “às margens da história” (Gramsci, 2001, p. 2277). Mesmo que essa função específica seja cumprida, ela vai além disso, é uma ferramenta fundamental para o registro histórico de determinada sociedade ou grupo social (memória), informações culturais a seu respeito e de seus costumes, de crítica social e desvelamento de temperamentos combativos em seu seio. Imbuídos de liberdade criativa e imaginativa, os poetas e romancistas, ao criarem seus textos, se utilizam dos fatos correntes, reais, e da liberdade de fantasia e simbologia em suas obras. Nesta reflexão, consideramos que eles também são *historiadores integrais* no sentido gramsciano do termo.

No processo de criação da narrativa, o autor a constrói de acordo com as suas aspirações e assim desenvolve representações do bem, do mal e de valores opostos. Diante disso, Bosi (2002, p. 15) afirma que, “graças à exploração das técnicas de foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de

resistência do eu aos valores ou antivalores do seu meio”. A escrita e a leitura dos textos de resistência gritam para o mundo o que outros meios de comunicação muitas vezes escondem.

Bosi (2002) acredita que a literatura atinge seu objetivo quando tem uma dimensão contraideológica. Para ele, o bom escritor se debruça sobre o homem singular, sobre situações particulares e complexas; sua maneira de representar em geral diverge da tipificação que é própria da ideologia. Tal processo pode ser involuntário, e o exemplo mais conhecido à luz da tradição marxista é o de Balzac, um conservador e legitimista que apresentou a burguesia de forma profunda, literal e honesta, deparando-se com a classe que possui os meios para atingir seus fins, de moral duvidosa, amante do dinheiro e do luxo, denunciando a falta de ética para atingir esses fins. Balzac escreveu a crítica de sua própria classe. O proletariado e os camponeses aparecem apenas em lampejos, como servos dos personagens burgueses, sendo a burguesia sempre o personagem principal em sua escrita.

Resistir, em literatura, não se limita à opção pelas boas causas. A relação entre literatura e sociedade existe, mas não é o fator determinante da grande literatura. Muitas vezes a escrita é uma reflexão sobre as perspectivas da humanidade, seu futuro, seu destino. Escrever sobre o futuro dá sentido à vida daquele que a vê como insuportável no presente. A escrita de resistência é livre de quaisquer tendências à tristeza ou melancolia, ela encerra sempre espírito de luta e crença na emancipação humana, expõe acontecimentos reais, o dia a dia de uma classe ou de um grupo, a exploração e a alienação, com o objetivo de denunciar e afrontar essa realidade. Nesse sentido, Bosi (2002, p. 26) afirma que a resistência enquanto literatura “é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico”. Isso ocorre quando intelectuais orgânicos pertencentes a grupos ditos “marginais” ou subalternos, como as mulheres trabalhadoras e o proletariado racializado, emprestam sua voz à literatura, expondo o cotidiano de suas narrativas, dando visibilidade aos invisíveis e, muitas vezes, chocando o mundo que desconhece ou deliberadamente ignora uma verdade, como é o caso da dramática situação palestina. A literatura de resistência⁸, de acordo com Antonio Candido, é aquela que

confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 249).

Desde muito jovem, Ghassan Kanafani enxergou as possibilidades da literatura, logo identificando sua vocação e a importância de fazer a diferença perpetuando não apenas sua voz, mas a voz da Palestina oprimida e, por meio dela, dos oprimidos do mundo inteiro. Sua pena narrou fatos e acontecimentos que seriam facilmente confundidos com fantasias dramáticas ou realismo fantástico, expondo a tragédia do povo palestino de forma tão densa

⁸ Em complemento à literatura, destacamos também a importância das histórias em quadrinhos — HQs, ou gibis —, que, de acordo com Vergueiro (2005), são, juntamente com o cinema, o meio de comunicação de massa mais importante do século XX. Ampliando-se a partir da década de 1930, contemplam os que estão à margem, permitindo que tenham sua história contada, que se vejam na permanência da cultura e que degustem o processo da arte da literatura. Na arte de resistência das HQs, Joe Sacco, quadrinista maltês radicado em Seattle, se destaca. Ele fotografou, desenhou e escreveu sobre a realidade palestina ao longo das últimas décadas (Sacco, 2021).

Kanafani descreve os eventos — formação de comitês populares, greve geral, guerra de guerrilhas com apoio de massas — apontando para mais do que uma revolta armada ou uma grande rebelião, isto é, para o que considera ter sido uma revolução anticolonial e anti-imperialista

e visceral que ao leitor desavisado pareceria criação de um pessimismo extremado. Trata-se sempre, no entanto, da cruel realidade imposta a seu país e seu povo, para cuja denúncia utilizou a literatura de resistência como método até o fim de sua vida. Said lembra que muito raramente se admite que o povo colonizado deve ser ouvido e suas ideias, conhecidas (Said, 2011, p. 101), mas Kanafani escreve para que seu povo seja ouvido e visto, buscando quebrar a barreira da invisibilidade e do apagamento.

4. O ESCRITOR PALESTINO QUE VIVEU E ESCREVEU A RESISTÊNCIA

4.1. BREVE NOTÍCIA BIOGRÁFICA

Como já observado acima, Kanafani foi um autêntico historiador integral, protagonista e narrador de sua história. Nasceu em Acre, na costa norte mediterrânea da Palestina, em 1936. Seu pai era advogado, e a família pertencia à classe média alta. Tinha uma irmã e um irmão mais velhos e três irmãos mais novos. Frequentou uma escola dirigida por missionários franceses na Palestina e foi educado em francês, tendo que se esforçar mais tarde para melhorar seu árabe e se emancipar da linguagem estrangeira.

Em abril de 1948, quando tinha 12 anos de idade, iniciou-se o massacre dos habitantes de uma vila árabe chamada Deir Yassin. Um mês depois, a cidade de Acre foi tomada por forças sionistas, forçando sua família a exilar-se, primeiro em um pequeno vilarejo no sul do Líbano, em seguida nas montanhas fora de Damasco e, finalmente, em um gueto em Damasco. No exílio, Kanafani interessou-se amplamente por tudo o que o rodeava nos campos de refugiados e chegou a lecionar para a UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo), localizada em um dos campos. Alguns anos depois, inscreveu-se em um concurso para o Departamento de Literatura Árabe na Universidade de Damasco, iniciando a escrita de pequenos contos que expressavam de forma realista a situação dramática dos palestinos. Em 1963 publicou sua obra mais aclamada, *Homens ao sol*, que ganhou destaque no mundo da literatura árabe, trazendo a Kanafani amplo reconhecimento. Em 1965, publicou a novela *O que lhes restou*, que tem como característica a experimentação narrativa, mantendo o conceito da ocupação e colonização do território palestino e suas consequências na vida de seu povo.

Em 1969, se torna cofundador de um jornal político chamado *Al-Hadaf* (O Alvo), que era órgão da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), organização política marxista empenhada em reconquistar seu território e em estabelecer pela via revolucionária uma nova sociedade, de caráter laico e baseada na justiça social, tanto na Palestina como em todo o mundo árabe. Ainda naquele mesmo ano, publicou *Retorno a Haifa* e *Umm Saad* (Mãe de Saad). Em 1972, homens armados do Exército Vermelho Japonês (Altman, 2023) atacaram o Aeroporto de Lod, em Tel Aviv, e um telefonema reivindicou a responsabilidade em nome da FPLP⁹. No dia 8 de julho de 1972, Kanafani e a sua sobrinha Lamees morreram no carro dele, que explodiu ao ser acionado. O atentado foi assumido pelo serviço secreto de Israel como uma represália pelo ataque ao aeroporto.

4.2. EXÍLIO E LITERATURA

A literatura de Ghassan Kanafani apresenta a questão palestina como a causa nacional de um povo colonizado, a questão nacional mais urgente de nosso tempo. Trata-se de uma autêntica questão “nacional-popular”, se quisermos manter a linguagem gramsciana, considerando que só pode ser amplamente nacional e popular a causa emancipatória de um território onde as distinções de classes e grupos sociais importam cada vez menos do que os ataques periódicos da colonização sionista que os submetem à miséria generalizada.

A especificidade do exílio palestino no pensamento de Kanafani pode ser caracterizada não apenas por se tratar de uma situação de não pertencimento a um território geográfico específico, mas também pelo registro da construção coletiva de uma memória nacional e, ao mesmo tempo, pela demonstração, em seus personagens, das condições individuais permeadas de sentimentos, ressentimentos e percepções subjetivas que, em seu conjunto, constroem aquela memória de uma subjetividade coletiva, exilada mesmo quando em seu próprio território. Edward Said observa que, “desde 1948, o dilema palestino é literalmente o fato de que ser palestino significa viver em uma utopia, em um lugar inexistente” (Said, 2012, 143). Nessa passagem, Said apresenta a identidade palestina como condição que ultrapassa questões especificamente territoriais — ideia que poderia ser aplicada a qualquer grupo subalterno. Há muitos palestinos que se identificam como exilados e têm consciência da necessidade de uma luta nacional pela libertação e resgate de seus lares, cultura e história; e outros há que permanecem distantes desse debate, ainda que presenciando e lamentando a perda de suas condições materiais básicas de existência, reconhecidas na terra e no lar, por exemplo. A escrita de Kanafani é a do historiador integral e resistente, que busca demonstrar que a luta é o único caminho que leva a uma vida que merece ser vivida, ou seja, de resgate da dignidade humana palestina.

Ainda sobre a situação dos exilados, Said afirma estar “certo de que qualquer um deles se julga em exílio, embora saibam perfeitamente bem que o tipo e as condições de exílio variam muito” (Said, 2012, p. 133). Mais uma vez a constatação de que os exilados da Palestina são todos os palestinos, mesmo os não literalmente exilados, ou seja, não fora de seu país, já que em seu território também enfrentam condições de impedimento da construção

⁹ O Exército Vermelho Japonês foi um grupo guerrilheiro marxista, criado em 1969, que se notabilizou por ações armadas nas décadas de 1970 e 1980. Era aliado da Frente Popular para a Libertação da Palestina, e ambas as organizações chegaram a atuar em conjunto a partir do Líbano. Foi em solidariedade à FPLP que o grupo japonês realizou o ataque mencionado (Randall, 2023).

daquela memória coletiva nacional aludida acima. Os que vivem fora, em comunidades ao redor do mundo, mesmo nos países árabes do Oriente Médio, são distinguidos como palestinos; logo, não pertencem ao lugar em que vivem. Para os que vivem na Cisjordânia ou Faixa de Gaza, sob ocupação militar israelense, o processo de exílio é interno e permanente, iniciando-se em 1948, ano da criação do Estado de Israel, por terem sido expulsos dos locais onde viviam até então (o processo da *Nakba*¹⁰), ou 1967 (Guerra dos Seis Dias, quando Israel ampliou a sua ocupação territorial na Cisjordânia). As duas ocasiões foram momentos de grandes deslocamentos demográficos de palestinos na região, deixando-os privados de liberdades e direitos comuns aos povos com identidades nacionais reconhecidas.

Da mesma forma, também são exilados os palestinos que foram incorporados pelo Estado de Israel e adquiriram cidadania israelense, alguns por terem sido expulsos de vilas que hoje estão localizadas em território israelense, sem poder retornar para reconstruir o local; outros por serem excluídos de uma sociedade que oferece privilégios legais apenas a uma parcela da população, utilizando critérios étnico-religiosos para tal (Kamm, 2003). Exilados, também, são os filhos de palestinos que crescem ouvindo os relatos de seus pais e avós, por não terem tido a chance de nascer no mesmo lugar em que sua família nasceu e, em muitos casos, nem ao menos conhecê-lo (Hammer, 2005).

5. AS NOVELAS DE KANAFANI: CULTURA, MEMÓRIA E COTIDIANO DE UM POVO ESQUECIDO

Ghassan Kanafani procurou narrar ao mundo a situação palestina e manteve tal postura até o seu assassinato. Seus escritos não podem ser lidos apenas como romances de um exilado sobre o exílio. Ele refutou a aceitação passiva da condição opressiva imposta ao povo palestino, utilizando como método a escrita de resistência que expôs as condições de vida, as alternativas de combate — como a luta armada e a revolução — e o registro das memórias coletivas do povo palestino que o Estado invasor insistiu — e insiste — em apagar.

Em sua primeira novela¹¹, *Homens ao sol*, Kanafani narra a história de três exilados palestinos, Abu-Qays, Assaad e Marwan. Os personagens estão em outro país árabe, o Iraque, lugar de não pertencimento e estranhamento, onde não encontram condições mínimas

Mariam reflete suas angústias, enquanto confunde as batidas do Relógio na parede com os movimentos do filho em seu ventre. Batidas que não a deixam esquecer que ela compete com o tempo, uma mãe palestina que fornece filhos para a resistência

¹⁰ Cf. nota 4.

¹¹ A nomenclatura da área classifica como *novela* a obra que é maior do que um conto e menor do que um romance.

Quando descreve a miséria palestina, a apresenta como um símbolo da miséria de todos os povos

de subsistência, dependendo da ajuda de parentes que enviam dinheiro de outras localidades ou se mantendo com poucas reservas financeiras reunidas ao longo da vida. Buscando melhores condições materiais e um meio para a manutenção de suas famílias, procuram um personagem, traficante de pessoas, que lhes apresenta uma alternativa arriscada e ilegal para chegarem ao Kuwait. A existência de pessoas sem território e sem autorização para cruzar fronteiras se mostrava uma oportunidade de lucro para os contrabandistas de refugiados. Sua atividade, mesmo

que não regular, encontrava validação na estrutura do capitalismo de sobrevivência local.

Nota-se nessas passagens que a sensibilidade à condição do exilado está ausente no contrabandista, que estabelece uma relação comercial pragmática e indiferente ao drama humano que testemunha, o que na história sugere também um histórico de vida dramático dele próprio, a um só tempo cúmplice e vítima. Há no texto, assim, uma sutil metáfora que reflete a associação entre o fenômeno do exílio e da migração forçados e os diversos níveis de um capitalismo promotor de tragédias humanas. Já no caminhão do motorista contratado pelo contrabandista, os três partem para o Kuwait e se preparam para enfrentar as altas temperaturas às quais se submeterão ao longo da viagem. O trajeto descrito passa por lugares que costumam ter a temperatura mais alta do planeta, alcançando os 63 graus Celsius. Eles precisam se revezar no lugar do passageiro da cabine e, antes de chegar à alfândega, ir para dentro do tanque do caminhão, momento mais dramático da narrativa. Na primeira parada, tudo ocorre como previsto, ainda que a angústia seja grande e o perigo de serem pegos, iminente.

Ao chegar ao segundo posto de controle, o motorista Abul-Khayzuran calcula que gastará até 7 minutos com os oficiais da alfândega, prazo máximo para que os três homens que ele leva escondidos no caminhão consigam suportar a permanência no tanque vazio sob sol escaldante. Um dos oficiais, no entanto, o enreda em troças e comentários despropositados de uma conversa que se torna desesperadora para Abul, que tenta a todo custo se desvencilhar do falastrão. Os minutos avançam, Abul finalmente retorna ao caminhão, mas já é tarde. Não há mais vida no tanque.

Homens ao sol não é apenas uma novela sobre três exilados, é também um chamado à não resignação, à luta e à resistência. Com um final dramático, demonstra a importância da não aceitação e a busca pela superação da condição de exílio como alternativa possível para o resgate da dignidade daqueles homens (representação evidente do povo palestino), que morreram em vão. Trágico e, ao mesmo tempo, inspirador, o texto expõe nas entrelinhas a sugestão de que a resistência é o único meio para a recuperação da dignidade, de que pior que a morte é a não vida, a não existência, o não pertencimento. O sol, simbólico no livro, é carrasco, mas traz também a clareza da potencial organização política que precisa incluir os exilados submetidos a condições desumanizantes de existência. A frase final do motorista Abul, “Por que não bateram no casco?” (Kanafani, 2023a, p. 100), é uma crítica à passividade, à falta de ação, à disseminação da desesperança entre os palestinos, as quais Kanafani combatu até o fim de sua vida.



O Massacre de Deir Yassin ocorreu em 9 de abril de 1948, quando cerca de 120 terroristas dos grupos paramilitares sionistas Irgun e Lehi atacaram os aproximadamente 600 habitantes da aldeia árabe palestina Deir Yassin, próxima a Jerusalém

Em 1965, o autor publica a novela *O que lhes restou*, que narra a história dos irmãos Mariam e Hamed, que vivem em um campo de refugiados em Gaza, marcados pela desgraça e humilhação após os processos de expulsão e massacre iniciados por Israel em 1948, e pela devastação familiar. O pai é assassinado, a mãe parte para a Jordânia, e eles permanecem em Gaza. Mariam, ainda solteira, fica grávida, e Hamed é obrigado, como responsável pela família na tradição árabe, a casá-la com um palestino colaboracionista de Israel, casado e pai de cinco filhos, Zacarias. O irmão fica devastado e se considera culpado pela sina de Mariam. Após o casamento, Hamed informa à irmã que partirá para a Jordânia, pelo deserto, em busca de sua mãe. Temos aqui a metáfora que chamamos nesta pesquisa de *mãe palestina*¹², a figura da “mátria” que acolhe e motiva, a imagem da resistência e da luta que surgem como esperança para a vitória em condições impossíveis, espécie de mito soreliano que motiva à ação política e militar.

Nesse texto, o Deserto aparece como personagem ativo e parte integrante do enredo. A um só tempo, é selvagem e manso para Hamed, perigoso e implacável para Mariam. Já o Deserto como narrador intervém, por vezes, estruturando a narrativa. E é com Hamed que esse narrador se defronta. Tem início ali uma relação dúbia entre os dois. Ele é ao mesmo

¹² “Abu Saad puxou sua esposa em sua direção. Apontando para ela, ele disse ao velho que ainda estava olhando para a praça: ‘Esta mulher deu à luz dois filhos que cresceram e tornaram-se *fidayeen*. Ela fornece filhos para a Palestina’” (Kanafani, 2022b, p. 171). A respeito do termo *fedayn*, ou *fedayeen*, trata-se do nome dado aos membros da resistência armada palestina de orientação nacionalista. O termo é uma abreviação do verbete árabe *fidā'iyyīn* (*fidayeen*), que em livre tradução quer dizer “aqueles que se sacrificam” (Kanafani, 2023c).

tempo um trajeto para a fuga do rapaz e um caminho em que pode se perder. O Deserto é, portanto, tudo o que restou a Hamed, um símbolo do “não lugar” e de uma vida árida, vazia e vertiginosa, ao mesmo tempo que aliado e parceiro no momento do perigo. Outro personagem inusitado, um objeto, é o Relógio. Este se movimenta no imaginário dos personagens. Enquanto objeto, é descrito como um pequeno ataúde pendurado, em que cabemos todos nós (Kanafani, 2024, p. 18). Em uma só noite, que é o tempo de passagem da novela, Mariam reflete suas angústias, enquanto confunde as batidas do Relógio na parede com os movimentos do filho em seu ventre. Batidas que não a deixam esquecer que ela compete com o tempo, uma mãe palestina que fornece filhos para a resistência.

Dois anos após a derrota árabe na Guerra dos Seis Dias, em 1967, Kanafani publica *Umm Saad* (Mãe de Saad), um relato do cotidiano¹³ nos campos de refugiados apresentado como uma sucessão de diálogos entre o narrador e uma mulher do campo — de novo, representação do que chamamos aqui *mãe palestina* —, cujo filho se juntou à resistência palestina, *fedayn* (*fedayeen* palestino).

Como representação de resistência nacional-popular, *Umm Saad* não se coloca em posição de uma mãe vítima, que lamenta, aguarda e ora para que a guerra acabe, possibilitando a volta de seus filhos e marido. Ao contrário, ela vislumbra uma vida emancipada, mesmo nas piores condições; luta e resiste com todas as possibilidades, apesar da idade e das condições físicas, em busca do momento em que se possa viver com dignidade. Em uma das passagens do livro, limpa as ruas dos estilhaços de metal lançados por aviões para impedir o avanço de veículos palestinos. Age repassando informações que lhe chegam, evitando traidores. Confronta patrões que exploram o trabalho das mulheres palestinas subalternizadas, pedindo demissão do seu emprego quando descobre que a funcionária anterior fora demitida para que o patrão pudesse pagar menos para outra empregada.

Umm Saad não aguarda seu filho voltar, porque não há mais ou não há ainda para onde retornar, além de que a resistência do filho é sua maior forma de luta, ainda que esteja sempre pronta para recebê-lo, pois ela é mãe e “mátria” a um tempo. Durante 20 anos reside em um campo de refugiados, o não lugar no qual deu à luz seus filhos. O episódio marcante é a imagem fundadora dessa maternidade-resistência palestina, um galho de parreira seca que encontrou pelo caminho e carrega consigo, em cuja fertilidade ela acredita. O narrador não acredita que o galho possa brotar, é pessimista quando ao plantio, cultivo e crescimento da planta. A *mãe palestina*, no entanto, finca o galho na terra árida, com esperança genuína de que ele irá se desenvolver. Dessa perspectiva, lê-se nessa passagem o ponto de vista daqueles que não puderam sequer começar ou não tiveram seus começos (e sua existência) reconhecidos por outros, que os expulsaram mediante uma violenta reivindicação originária da terra, fazendo dela território exclusivamente seu. Dá-se, então, que resiste e brota “o galho de madeira amarronzada e seca que ela me trouxera certa manhã. *Umm Saad* olhava para a ponta verde que irrompia da terra com uma força que tinha voz” (Kanafani, 2023c, p. 74-75).

13 *Cotidiano* no sentido comum, mas que pode ser remetido também à noção lukacsiana do termo (Lukács, 1966): o reflexo próprio da vida cotidiana que pressupõe um *materialismo espontâneo*, momento em que os homens percebem que o mundo exterior existe de modo independente de sua consciência. Mas o conhecimento das coisas fica bloqueado por outra característica da cotidianidade: a vinculação imediata entre teoria e prática, que conduz a uma *immediatez* do comportamento restrito à aparência manipulável das coisas e desconhecedor da essência constitutiva dos fenômenos. A arte surge como transposição da aparência, é a busca dessa essência constitutiva em que o homem supera sua singularidade e se depara com o gênero humano, movimento que se apresenta, de resto, também na literatura de Kanafani.



A Nakba: expulsão de centenas de milhares de palestinos de suas terras após a criação do Estado de Israel, em 1948

A *mãe palestina* carrega a experiência de um povo para o qual a nação passa a existir na própria impossibilidade da sua existência. Além disso, essa figura de um possível começo (daquilo que já há muito começou) é uma mulher diferente das mães convencionais do chamado Ocidente, pois não se torna uma mártir por ser quem é, como por via de regra ocorre na matriz discursiva ocidental. Ela produz desde o presente uma tradição de luta em um lugar no qual se recusa a se manter indeterminadamente: os “acampamentos do desgarro” (Kanafani, 2023c, p. 23). Umm Saad, personificação da *mãe palestina*, vai além da relação parental porque acredita na superação da precária condição de vida do povo palestino em nome de uma vida nova que mereça ser vivida. Ela representa todas as mães palestinas, de subjetividade única, que não são mães de um filho ou filha, mas de todos os grupos subalternos palestinos e de todas as nações, da luta dos palestinos que é a luta de toda a humanidade. Como já observado, Kanafani inicialmente pensou seu próprio povo como uma causa em si mesma. Depois o viu como um representante da humanidade, de todos os subalternos. Quando descreve a miséria palestina, a apresenta como um símbolo da miséria de todos os povos (Kanafani, 2022b).

No mesmo ano da publicação de *Umm Saad*, Kanafani publica *Retorno a Haifa*, quarta novela do escritor. Nesse texto, relata a história de Said S. e sua esposa Safiya, que, forçados a deixar a cidade de Haifa durante a *Nakba*, de 1948, retornam para sua cidade após 20 anos: “Sabe, por vinte longos anos, sempre achei que o Portão de Mandelbaum¹⁴ seria

¹⁴ Passagem militarizada em Jerusalém que separava os territórios de Israel e da Cisjordânia até a década de 1960 (Bradbury, 1965).

aberto algum dia... Mas nunca imaginei que o seria pelo outro lado” (Kanafani, 2023b, p. 9). Para Said S., as portas de sua terra deveriam ser abertas pelo lado de seu próprio povo, o que nunca ocorreu. Abertas pelo outro lado, considerava que permaneciam fechadas. Retornou somente após 20 anos.

Haifa foi tomada por bombardeios em uma manhã de quarta-feira, 21 de abril de 1948. O texto descreve as luzes dos morteiros que atravessavam o centro da cidade na direção dos bairros árabes. O personagem Said S. aparece nesse momento no coração da cidade, enquanto sua esposa Safiya está em casa com o filho de 5 meses, Khaldun. Safiya permanece um tempo em casa à espera do marido. Quando percebe que ele demorava, corre para a rua, em um ato de desespero. Ao se dar conta de que havia deixado o filho na casa, tenta voltar, repetindo seu nome, Khaldun, incessantemente. Avista seu marido Said S. no meio da multidão, temendo perder a ele e a Khaldun ao mesmo tempo, e assim são vividos os derradeiros momentos antes de sua expulsão definitiva da cidade.

Ao voltarem à casa em que tinham vivido 20 anos antes, observam os detalhes: as varandas pintadas de amarelo, um novo varal esticado entre duas vigas, uma nova campanha... Ele a tocou, e uma mulher idosa, Miriam, apareceu. Apertou a mão de Safiya e disse: “Espero por vocês há muito tempo” (Kanafani, 2023b, p. 29). Miriam e seu marido, Efrat Koshen, haviam deixado Varsóvia com um pequeno comboio de pessoas no início de novembro de 1947, chegando a Haifa em março de 1948. Inicialmente tinham se instalado no Alojamento de Imigrantes, e desde o início se sentiram incomodados em ocupar um espaço que não era seu, como se ocupassem a vida de outros. Sentiam-se estranhos, tudo era diferente: “Não há mais nenhuma verdadeira sexta-feira nem um verdadeiro domingo aqui” (Kanafani, 2023b, p. 38). Miriam notara os sinais da destruição ocorrida em meio à *Nakba*, chamando a atenção do marido. Ela se chocou quando passou perto da igreja de Belém, em Hadar, e viu que dois jovens da Haganah¹⁵ carregavam uma criança árabe morta coberta de sangue, colocando-a em uma pequena caminhonete. Desde esse dia, tentou convencer o marido a saírem de Haifa, mas nunca conseguiu. Uma semana depois, Efrat voltou de uma visita ao escritório da Agência Judaica em Haifa com a notícia de que haviam recebido, para se assentarem na Palestina, uma casa na cidade e um bebê de 5 meses, supostamente abandonado pelos pais palestinos, para criarem como filho, dando a ele o nome de Dov — e no instante da visita de S. Said e Safiya a eles, acabava de saber que a criança tinha originalmente outro nome: Khaldun.

Dov (Khaldun) chega à casa e Miriam diz-lhe que há convidados que desejam vê-lo, apresentando-os como seus pais biológicos. O jovem dá um passo à frente, com lentidão, mudando seu rosto de cor, transtornado, proferindo que sua única mãe era Miriam e que seu pai fora morto no Sinai, havia 11 anos. Perguntou o que o casal palestino fazia ali. Said respondeu que era apenas curiosidade, questionando-o: “Contra quem você luta? Por quê?” Dov lutava do outro lado, estavam em lados opostos. Dov continuou dizendo que ia à sinagoga, à escola judaica, consumia comida *kosher* e estudava hebraico, afirmando, finalmente, que “o homem é uma causa”. Por fim, renega os pais biológicos, e Said, transtornado, diz que o primeiro combate direto do jovem poderia ser contra um *fedayn* chamado Khalid, seu filho, não se referindo a ele como irmão de Dov, já que, na

15 Haganah é a milícia sionista fundada pelo ideólogo do sionismo Vladimir Jabotinsky, que colaborou com os nazistas em troca da liberação das fortunas judias para serem usadas na colonização sionista (Schoenman, 2008, p.105).

Kanafani teria proporcionado a expressão de um tipo de subjetividade coletiva, um sentimento nacional-popular específico da população palestina, qual seja, a percepção de que a dignidade pessoal, familiar e nacional está sempre na opção de resistir à ocupação israelense à custa da própria vida

opinião deste, “o homem é uma causa” (Kanafani, 2023b, p. 62). O pai biológico palestino complementa o diálogo informando que ele e sua esposa não deram o nome de Khalidun para Khalid por acreditar que encontrariam o primogênito. Percebe, no mesmo momento, que nunca o encontrariam.

Antes da cena descrita, quando o casal estava de saída, em viagem para Haifa, Said havia proibido Khalid de se juntar aos *fedayn*, ameaçando renunciar ao filho caso o fizesse. Agora, só desejava que Khalid tivesse aproveitado o fato de estarem em Haifa para fugir... “Espero que Khalid tenha partido durante nossa ausência!” (Kanafani, 2023b, p. 29). Que decepção seria, em relação a todos os valores dessa existência, retornar e encontrar Khalid em casa, e não com os que resistem e lutam. A criança morta, coberta de sangue, aquela que Miriam vira ser jogada na pequena caminhonete, passava agora a ser a própria figura de Khalidun. Ele morrerá. Quem estava ali era Dov. Said e Safyia o tinham perdido, e ele próprio se perdeu, assim como muitos filhos de palestinos.

Considerar que “o homem é uma causa”, como faz o personagem Dov, encerra uma crítica de Kanafani à assimilação de valores individualistas, antiuniversalistas, como é bem o caso do supremacismo sionista, o sentimento de superioridade e desprezo em relação aos habitantes originais da terra palestina. A suposta delimitação étnica enfatizada por Dov ao descrever seu cotidiano, como comer alimentos *kosher*, ir à sinagoga, estudar hebraico e ir à escola judaica, não é casual, mas marcadora de sua “superioridade” em relação aos outros, que não pertencem ao universo descrito por ele. Trata-se, consideramos, do contraponto individualista e supremacista à subjetividade coletiva da *mãe palestina* construída nas narrativas analisadas.

Said procura a verdadeira Palestina, aquela que é mais do que memória, mais do que um filho. A Palestina é sua causa, algo pelo qual é digno pegar em armas e morrer. A Palestina é o futuro. Nesse momento, ele compreende seu filho Khalid. Dezenas de milhares como ele não serão interrompidos pelas lágrimas inócuas dos desalentados pelo desterro. Khalid é a representação da honra duradoura, de pais que pagam com os filhos o preço por serem palestinos, por constituírem uma determinada subjetividade coletiva, mais uma vez aquela da *mãe palestina*.

Na coletânea *Os filhos da Palestina*, escrita entre 1956 (conto “Escrito de Ramleh”) e 1969 (conto “Ele era uma criança naquele dia”), tem-se histórias contadas do ponto de vista das crianças e adolescentes da Palestina. Kanafani lecionou durante muito tempo no campo de refugiados para palestinos em Damasco. Nesses textos, o autor narra os conflitos políticos e sociais mais significativos criados na comunidade Palestina através da perspectiva de jovens palestinos. O convívio dele com os refugiados colaborou para o realismo das personagens e ajudou a moldar seu estilo literário de resistência também na forma dos textos, normalmente curtos e densos.

Esse e os outros escritos citados expõem situações dramáticas e realistas, dão forma e significado ao sionismo político, tanto para o povo que sofre as consequências práticas da colonização, que sente a dor da perda de seus lares, seus bens, suas memórias e suas vidas, como para a constituição da subjetividade dos colonizadores, que muitas vezes naturalizam os horrores praticados para que se estabeleçam em lares que não são seus.

Nas novelas e contos apresentados, é clara a preocupação do autor em canalizar a voz do conjunto de grupos subalternos que forma o povo palestino. Assim, Ghassan Kanafani teria proporcionado a expressão de um tipo de subjetividade coletiva, um sentimento nacional-popular específico da população palestina, qual seja, a percepção de que a dignidade pessoal, familiar e nacional está sempre na opção de resistir à ocupação israelense à custa da própria vida. Esse seria, portanto, um valor ético associado a muitas famílias e suas matriarcas, na condição de população subalterna dos territórios ocupados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antonio Gramsci, em importante texto carcerário intitulado “Às margens da história (História dos grupos sociais subalternos)”, escreveu que “a história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica” (Gramsci, 2001, p. 2283, tradução nossa). Gramsci reconhece que na história desses grupos haveria uma tendência à unificação política, mas que “essa tendência é continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes e, portanto, só pode ser demonstrada com o ciclo histórico encerrado, se este se encerra com sucesso” (Gramsci, 2001, p. 2283, tradução nossa). Os grupos subalternos sofreriam sempre a iniciativa dos grupos dominantes. “Na realidade, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa, sob alerta (pode-se demonstrar esta verdade com a história da Revolução Francesa, pelo menos até 1830)...”. E, por isso mesmo, considera Gramsci que “todo traço de iniciativa autônoma por parte dos grupos subalternos deve ser de valor inestimável para o historiador integral” (Gramsci, 2002, p. 135).

O registro minucioso das iniciativas de auto-organização dos grupos subalternos se justifica, de acordo com Gramsci, pelo fato de que esses grupos sofrem constantes investidas dos grupos dominantes por meio do Estado, que impede qualquer tentativa de organização e unificação dos movimentos, mesmo os mais espontâneos e incipientes. O historiador integral dos grupos subalternos é aquele que estabelece critérios metodológicos para a compilação, o registro e o estudo de todas as iniciativas históricas desses grupos para que se organizem em classes sociais unificadas, passando por características específicas de cada grupo, período e condição material, tendo a prática política, a ciência e a arte da política como princípios de estudo e ação para que os grupos sociais subalternos do presente (Croce

escreveu que a história é sempre história contemporânea) empreendam a própria luta por autonomia e unificação em classe social organizada como Estado.

Ghassan Kanafani — à moda de uma historiografia integral — registrou com realismo, embora por meio da ficção, o cotidiano palestino sob décadas de opressão permanente pelo Estado sionista invasor, e, ao fazer isso, teria dado vazão a uma subjetividade coletiva — ou nacional-popular — palestina cujo valor prioritário é a libertação nacional. Essa subjetividade coletiva ganharia expressão no caso concreto das mulheres com o perfil que chamamos aqui de *mãe palestina*, ou seja, a mulher que gera filhos para a luta nacional de resistência e adquire a consciência desse fato quando percebe o sentimento ambíguo de desejar o filho perto de si, longe da guerra, e ao mesmo tempo saber desde sempre que sua dignidade pessoal, familiar e nacional depende de que o filho resista militarmente junto dos seus. Ainda seguindo o fio condutor metodológico gramsciano, nossa hipótese envolveu localizar as expressões do sentimento nacional-popular da *mãe palestina* na obra de Kanafani como manifestação típica da ideia do soreliano “espírito de cisão”, também assimilado por Gramsci na constituição da trama conceitual dos *Cadernos do cárcere*.

No momento em que o imperialismo estadunidense e o Estado racista e colonialista de Israel transformam a Faixa de Gaza num gigantesco campo de extermínio em massa — vitimando uma maioria de mulheres e crianças — e promovem um cerco que condena mais de meio milhão à “fome catastrófica”, segundo a ONU, a voz e a obra de Ghassan Kanafani precisam ser levadas e lembradas ao resto do mundo e brandidas diante dele, em apelo ao internacionalismo solidário de todos os lutadores do planeta pela libertação da Palestina da opressão israelense.

* Doutora (2015) e pós-doutoranda (2025-2026) em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* Marília.

** Mestre e doutor em Ciência Política pela Unicamp (Unicamp). Livre-docente em Pensamento Político Latino-Americano e professor de Ciência Política da Unesp, *campus* Marília.

► Texto recebido em 3 de outubro de 2025; aprovado em 5 de janeiro de 2026.

ALTMAN, Max. Hoje na história: 1972 — terroristas japoneses massacram 26 em Israel. **Opera Mundi**, 30 maio 2022. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/podcast-hoje-na-historia-1972-terroristas-japoneses-massacram-26-em-israel>>. Acesso em 24 maio 2025.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRADBURY, Malcolm. A pilgrim's progress. **The New York Times**, October 31, 1965. Disponível: <<https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/97/05/11/reviews/spark-mandelbaum.html>>. Acesso em: 15 jan. 2026.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

DEL ROIO, Marcos. Gramsci e a emancipação do subalterno. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 29, p. 63-78, 2007.

GALASTRI, Leandro. Classes sociais e grupos subalternos: distinção teórica e aplicação prática. **Revista Crítica Marxista**, v. 39, p. 35-55, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. v. 2.

_____. _____. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. v. 5.

_____. **Quaderni del carcere**: edizione critica dell'Istituto Gramsci a cura di Valentino Gerratana. Torino: Giulio Einaudi, 2001, v. 3.

HAMMER, Juliane. **Palestinians born in exile**: diaspora and the search for a homeland. Austin: University of Texas Press, 2005.

KAMM, Shira et al. The Arab minority in Israel: implications for the Middle East conflict. **CEPS Middle East & Euro-Med Project**, Working Paper n. 8, July 2003. Disponível em: <www.files.ethz.ch/isn/19679/008.pdf>. Acesso em: 17 maio 2025.

KANAFANI, Ghassan. **A revolta de 1936-1939 na Palestina**. São Paulo: Sundermann, 2022a.

_____. **Filhos da Palestina e outros contos**. São Paulo: LavraPalavra, 2022b.

_____. **Homens ao sol**. Tradução Safa Jubran. Rio de Janeiro: Tabla, 2023a.

_____. **O que lhes restou**. Tradução Ahmed Zoghbi. Rio de Janeiro: Tabla, 2024.

_____. **Retorno a Haifa**. Tradução Ahmed Zoghbi. Rio de Janeiro: Tabla, 2023b.

_____. **Umm Saad**. Tradução Michel Sleiman. Rio de Janeiro: Tabla, 2023c.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio — uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUKÁCS, György. **Estética 1**: la peculiaridad de lo estético. Barcelona: Grijalbo, 1966.

PEREIRA, Marcela A. S.; GALASTRI, Leandro. Ghassan Kanafani: Por que não bateram no casco? A crítica de Kanafani à passividade diante do genocídio palestino. **A Terra É Redonda**, 16 maio 2025. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/ghassan-kanafani>>. Acesso em: 17 maio 2025.

RANDALL, Jeremy. Global revolution starts with Palestine: the Japanese Red Army's alliance with the Popular Front for the Liberation of Palestine. **Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East**, v. 43, n. 3, p. 358-369, December 2023.

SACCO, Joe. **Palestina**. Tradução Cris Siqueira. São Paulo: Veneta, 2021.

SAID, Edward. **A questão da Palestina**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

_____. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

_____. **Cultura e resistência**: entrevistas do intelectual palestino a David Barsamian. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SCHOENMAN, Ralph. **A história oculta do sionismo**: a verdadeira história da formação do Estado de Israel. São Paulo: Sundermann, 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero**, v. 6, n. 2, abr. 2005. Disponível em: <www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001502706.pdf>. Acesso em: 17 maio 2025.